

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

MARIANA DE RAMOS GALIZI

**INTERDISCIPLINARIDADE E INTERTEXTUALIDADE APLICADAS AO
ENSINO DA LITERATURA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2015

MARIANA DE RAMOS GALIZI

**INTERDISCIPLINARIDADE E INTERTEXTUALIDADE APLICADAS AO
ENSINO DA LITERATURA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Joscely Maria Bassetto Galera

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Mariana De Ramos Galizi

Polo: Polo Jd Esmeralda

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

Interdisciplinaridade e intertextualidade aplicados ao ensino da literatura

Esta monografia foi apresentada às **11:30:00 AM h** do dia **3/19/2016** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	x	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador.
3		Reprovado

Professora Joscely Maria Bassetto Galera

UTFPR – PR

(orientador)

Professora Edna da Silva Polese

UTFPR – PR

Professor Joao Mansano Neto

UTFPR – PR

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.

RESUMO

GALIZI, Mariana de Ramos. **Interdisciplinariedade e intertextualidade aplicadas ao ensino da literatura**. Curitiba, 2015. 22 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

Este trabalho teve por objetivo apresentar uma alternativa no ensino da literatura brasileira aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio do SESI - Belenzinho, onde a autora ministrou esta disciplina entre março e junho de 2015, pois, logo nas primeiras aulas, percebeu-se a dificuldade da compreensão e das interpretações textuais, sociais e históricas deste alunado, bem como sua inabilidade na percepção dos elementos de autoria. No que tange à intertextualidade, apropriou-se, comparativamente, de algumas obras de Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque de Holanda, Adélia Prado e Criolo. Dentro deste contexto, buscou-se a colaboração dos docentes de História e Sociologia para abordagem de temas comuns, tudo com a finalidade de provocar-se inferências dialógicas entre as manifestações artísticas e o contexto histórico, social e cultural da época da concepção das obras, bem como correlações possíveis com o panorama atual, ampliando assim a bagagem cultural do alunado e sua perspectiva crítica.

Palavras-chave: Literatura, Música, Intertextualidade, Interdisciplinaridade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
3 METODOLOGIA – TEORIA E APLICAÇÃO	10
4 RESULTADOS OBTIDOS	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Ultimamente, com o avanço de novas mídias comunicativas, o alunado possui baixo ecletismo de repertório, pois há uma velocidade informativa e não necessariamente de consistência histórica, social e de autoria confiáveis. O conteúdo textual é comumente fragmentado, como percebido nas aulas ministradas no laboratório de informática, onde o mesmo texto possuía mais de uma autoria – constatou-se que textos atribuídos ao jornalista Arnaldo Jabor e a escritora Clarice Lispector não eram de suas autorias.

A percepção destas situações no exercício do magistério pela autora, levou a necessidade de novas abordagens no ensino-aprendizagem da literatura.

Nesta linha, dentre outros autores, apropria-se, principalmente, do instrumental teórico de Koch, Bentes e Cavalcante (2008), mediante o qual entende-se os textos como tramas de um tecido que se ligam entre si.

Há um diálogo latente entre artistas de diversas manifestações e isso pode ser alcançado quando repertoriamos o nosso público, o aluno, o tornando crítico e capaz de aferir a autoria e as inter-relações textuais, além de conferir o mote dos artistas e elevar sua comunicatividade e seu conhecimento histórico e social.

Com o objetivo de testar o método intertextual e reflexivo proposto neste trabalho e visando aferir seus resultados, realizou-se aulas expositivas, debates e seminários, visitas à biblioteca com coleta de textos com os alunos do Ensino Médio no SESI- Belenzinho, entre os meses de março a junho de 2015, uma vez que o conteúdo abordado pertence à escola do Modernismo, movimento literário indicado a esta etapa. Houve interdisciplinaridade colaborativa, com harmonização de conteúdo, dos docentes de História e Sociologia o que ampliou e significou os objetos estudados.

A relevante importância do projeto ocorreu através do entendimento de que as manifestações artísticas lapidam-se a partir de um período histórico e social, as obras são geradas culturalmente e as reconhecer é se apropriar da história.

A partir deste preceito, almeja-se que aluno relacione todas estas criações, compreendendo que, através de suas distinções e/ou semelhanças, elas dialogam entre si e ao tempo de sua composição, o que amplia o seu conhecimento, estimulando uma maior criticidade e pertencimento cultural e social.

O desenvolvimento deste artigo partiu de uma fundamentação teórica que justifica a proposta de ensino da Literatura Brasileira nele defendida. Em seguida, apresentou-se a metodologia teórica e sua aplicação em sala de aula. Visando sua conclusão, fez-se apresentação dos resultados, que ultrapassaram as expectativas iniciais, conforme descrito no desfecho do artigo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2008), a intertextualidade é um artefato característico do método de escrita e leitura e abrange as distintas maneiras pelas quais a produção e recepção de um dado texto acopla de conhecimentos de outros. Deste modo, neste jogo que só se realiza a partir das noções que o produtor e leitor possuem sobre um determinado texto, quanto maior o conhecimento de ambos, mais ricas são inferências.

Há um razoável consenso de que a sociedade está submetida a uma multiplicidade de textos – sejam eles verbais ou não. A prática do ensino da literatura brasileira com os alunos do Sesi, no período supra apontado, evidenciou fragmentos de textos que remetem ou evocam a outros, admitindo atingir associações sobre a significação do escrito a partir do conhecimento prévio que se contenha do texto referencial. Sejam no universo literário, nas artes plásticas, charges, notícias, ou quadrinhos, entre as diferentes expressões comunicativas a autora conclui que a intertextualidade se manifesta de forma abrangente, constituindo um fenômeno que compõe uma fundamental expressão do conhecimento humano de aprendizagem, sobretudo através da leitura e produção da escrita. Sob o ensejo de uma maior abrangência da intertextualidade como um dos principais elementos indispensáveis de produção e compreensão de um texto, vale destacar que o termo texto pode ser percebido como toda configuração de reprodução partilhada de um sentido que se situa por meio de signos.

Em Koch, Bentes e Cavalcante (2008) o conceito de texto pode partir de duas acepções: o sentido *lato* e o *stricto*. Texto, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano – independente de qual seja o gênero– ou seja, qualquer forma de comunicação realizada através de um sistema de signos. Em se tratando de evento verbal, temos o discurso, atividade discursiva de um falante, numa dada situação de comunicação, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor e o evento de sua enunciação. O discurso é manifesto, linguisticamente, por meio de textos, em sentido *stricto*.

Segundo estes autores: “o contexto é um conjunto de suposições, baseada nos saberes dos interlocutores, mobilizados para a compressão de um texto” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008)

Assim, afirmam que: “a produção de sentido realiza-se à medida que o leitor considera aspectos contextuais que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo, da situação comunicativa, enfim”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, p. 59)

Para realizar o estudo, fez-se uso da teoria de Bakhtin (2011), que leva em conta o dialogismo como inerente à linguagem e construídos sócio historicamente (BAKHTIN, 2011).

Quando pensamos em intertextualidade e interdiscursividade, devemos considerar a lição de José Luís Fiorin (2003):

A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. (...) é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ ou percursos figurativos temas e/ ou figuras de um discurso em outro. (FIORIN, 2003, p.30)

De outra forma, também o produtor de um texto poderá buscar referenciá-lo em diferentes contextos, sejam linguísticos ou sociocognitivos, enriquecendo-o através deste diálogo com outros já escritos ou com eventos comunicativos dos mais diversos.

Neste sentido, um texto é tecido de muitos outros, numa perspectiva de produção e leitura que dificilmente se esgota, pois se vale daquilo que compartilhamos em todos os espaços de conhecimento.

Concluimos, segundo os argumentos de Fiorin, que:

... nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação isolada de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. (FIORIN, 2003, p.13)

Para Fiorin (2003), a intertextualidade ocorre nas relações dialógicas entre textos, sendo uma materialização da relação discursiva. Esta relação entre vozes e discursos, é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para produzir o sentido, seja para transformá-lo. Dessa forma, o artista reveste o texto com nova roupagem (FIORIN, 2003).

Baseando-se numa prática que não reduz o fato literário em si próprio, mas sim como consequência de manifestações históricas e sociais, onde há diálogo entre textos e disciplinas,

percebe-se a necessidade do aluno produzir pensamentos acerca dos produtos culturais, como textos didáticos e literários.

Através de experimentações em sala de aula, percebe-se a necessidade de significação dos objetos estudados através de ações que evoquem interdisciplinaridade. Fala-se aqui de integração disciplinar como ferramenta que atinja o alunado, provocando, de forma concreta, a interpretatividade, as inferências e os questionamentos, originando a possibilidade de ampliação dos saberes.

A interdisciplinaridade é ciência nova dentro da prática em sala de aula, surgida no século XIX, como meio de suprir a uma ruptura gerada pela concepção positivista, o que resultou na fragmentação das ciências. Após longo período reducionista de conteúdos aplicados, a interdisciplinaridade visou amalgamá-las, estabelecendo o diálogo entre as disciplinas, ampliando, conseqüentemente, o aprendizado.

A interdisciplinaridade gera novas concepções de mundo, tanto de sua historicidade passada, quanto dos tempos atuais, pois é a partir dela que correlacionamos e compreendemos o universo que nos cerca.

Segundo a concepção de Edgard Morin (2002), compreende-se que a interdisciplinaridade é decorrente de uma ação intelectual, onde é possível admitir que cada situação possui uma carga variável de realidades que interferem entre si (MORIN, 2002).

Seguindo o pensamento corrente, entende-se que o produto textual sofre ingerência do meio em que existe, afinal, é fruto de um contexto histórico e social distinto. Há situações e sensações que são universais e atemporais, logo o texto pode ser a extensão de outros textos, impossibilitando a noção de ineditismo, promovendo o diálogo entre eles e o cenário temporal e social que os envolve.

3 METODOLOGIA – TEORIA E APLICAÇÃO

Ao ingressar na docência do ensino de Literatura Brasileira no SESI, foi percebido um distanciamento na relação interdisciplinar e leitura intertextual dos discentes, sobretudo na leitura, que era dissociada de conectores históricos. Se os alunos interpretavam um texto, o faziam sem correlacionar com um contexto histórico ou social. Como se a literatura fosse um elemento à parte, passível apenas de análises de personagens, espaço e tempo.

A partir do conhecimento da carência interpretativa dos alunos, elaborou-se rodas de leitura de modo contextualizado na biblioteca, em consonância com o planejamento escolar; sendo eleito o autor Carlos Drummond de Andrade. A escola literária abordada no momento era a do Modernismo e a poesia selecionada para a aula inaugural do projeto foi “Anjo torto” (ANDRADE, 2003).

Inicialmente, os alunos não souberam referenciar ou significar o texto do autor e, após análise textual e aula expositiva histórica referente ao cenário do período, iniciaram uma apropriação do conteúdo; elaboraram seminários alusivos à época, que se seguiram de rodas de debates mediadas pelos professores de Língua Portuguesa, História e Sociologia. Concretizaram apontamentos proeminentes relacionados à imigração populacional e movimentos sociais implantados no período do início do Modernismo.

Seguidamente inseriu-se o compositor Chico Buarque de Holanda com sua música parafrásica à poesia *drummondiana* trabalhada, intitulada de “Até o fim” (HOLANDA, 1978).

Os autores foram motivos de pesquisas, tanto no ambiente escolar, quanto nas residências dos alunos, que se surpreenderam ao se deparar com outras composições parafrásicas, como a de “Cálice” de Chico Buarque (1973) e “Cálice” de Criolo (2015) - nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes que, doravante, se adota neste artigo. Houve uma empatia com o último, pois sua composição retrata fatos contemporâneos e conhecidos por boa parte dos alunos residentes em periferia. Realidade esta tratada com crueza e a argúcia das ruas.

Determinadas alunas exibiram uma releitura de Adélia Prado da obra “Anjo torto” (ANDRADE, 2003), cognominada de “Com licença poética” (PRADO, 2003); onde a escritora evidencia emancipação em seu posicionamento. Nesta leitura analítica comparativa, expusemos fatos que emolduraram a época, como o início dos movimentos feministas, sua

relevância no momento atual e o papel da mulher na sociedade, bem como os direitos das minorias.

Fez-se fundamental o estudo do cenário histórico que motivou as manifestações artísticas.

Utilizou-se os referidos textos de Carlos Drummond de Andrade e letras de Chico Buarque de Holanda, como tentativa de resgate, ou inserção, cultural do discente.

Verificada a escassez no conhecimento do material proposto, implantou-se possíveis ações para minimizar uma deficiência no que diz respeito ao conhecimento de obras relevantes do cenário nacional.

Adotando uma linha pedagógica evocativa de sentido, inseriu-se um projeto que visasse a situação histórica do país no poema de Carlos Drummond de Andrade.

Desconhecida pelo corpo discente, a Semana de Arte Moderna de 1922, ganhou nova roupagem por transgredir a resolução artística vigorante até seu surgimento, evocando o pensamento e expressão livres, independentemente de o regime político sufocar o movimento. A arte se libertou de padrões estéticos arraigados no perfeccionismo e beleza estéril de escolas literárias anteriores; instaurando-se um movimento de liberdade criadora, sem o qual manifestações atuais talvez não existissem da maneira como existem.

Ao se concluir que não havia uma ótica estruturada ao conteúdo apresentado, fez-se fundamental evocar a interdisciplinaridade, em uma busca de apropriação intelectual do aluno. Uma solução encontrada foi a leitura compartilhada na biblioteca da escola dos poemas de Drummond, com o apoio de conteúdo histórico e, somente após a compreensão dos alunos, passamos à análise das letras de Chico Buarque sem que se desconectasse do período histórico.

Abordou-se a necessidade de repertório para que fosse possível uma leitura de mundo mais ampla, que ultrapassasse a superfície do produto literário e chegasse a uma compreensão abrangente de mundo.

Ultrapassada a apresentação oral, exibiu-se aos grupos alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, em forma de slides, com devidos apontamentos da professora e de forma comparativa com algumas músicas de Chico Buarque de Holanda, as quais dialogavam diretamente com os textos.

Feita a exposição dos materiais artísticos, evocou-se os períodos históricos, numa apresentação contextualizada e, coincidentemente de posicionamentos políticos similares, visto a natureza ditadora de ambas épocas.

Fizemos uma análise temporal e os alunos concluíram que há aspectos que ecoam até hoje em dia, como a repressão expressiva, embora de forma latente, e abuso de poder pelos instrumentos públicos políticos.

Como trabalho avaliativo e de reflexão, foi solicitada a apresentação de seminários, elaborados em grupos, de textos que se relacionassem, bem como seus períodos históricos e estéticos.

Abaixo expomos os textos trabalhados em sala de aula:

Cálice

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue
 Como beber dessa bebida amarga
 Tragar a dor, engolir a labuta
 Mesmo calada a boca, resta o peito
 Silêncio na cidade não se escuta
 De que me vale ser filho da santa
 Melhor seria ser filho da outra
 Outra realidade menos morta
 Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado
 Se na calada da noite eu me dano
 Quero lançar um grito desumano
 Que é uma maneira de ser escutado
 Esse silêncio todo me atordoia
 Atordoado eu permaneço atento
 Na arquibancada pra a qualquer momento
 Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda
 De muito usada a faca já não corta
 Como é difícil, pai, abrir a porta
 Essa palavra presa na garganta
 Esse pileque homérico no mundo
 De que adianta ter boa vontade
 Mesmo calado o peito, resta a cuca
 Dos bêbados do centro da cidade

Talvez o mundo não seja pequeno
 Nem seja a vida um fato consumado
 Quero inventar o meu próprio pecado

Quero morrer do meu próprio veneno
 Quero perder de vez tua cabeça
 Minha cabeça perder teu juízo
 Quero cheirar fumaça de óleo diesel
 Me embriagar até que alguém me esqueça
 (HOLANDA, 1973)

Cálice

Como ir pro trabalho sem levar um tiro
 Voltar pra casa sem levar um tiro
 Se as três da matina tem
 alguém que frita E é capaz de
 tudo pra manter sua brisa Os
 saraus tiveram que invadir os
 botecos Pois biblioteca não era
 lugar de poesia Biblioteca
 tinha que ter silêncio,
 E uma gente que se acha assim muito sabida

Há preconceito com o nordestino
 Há preconceito com o homem negro
 Há preconceito com o analfabeto
 Mas não há preconceito se um dos três for rico, pai.

A ditadura segue meu amigo Milton
 A repressão segue meu amigo Chico
 Me chamam Criolo e o meu berço é o rap
 Mas não existe fronteira pra minha
 poesia, pai. Afasta de mim a
 biqueira, pai
 Afasta de mim as biate, pai
 Afasta de mim a cocaine, pai
 Pois na quebrada escorre sangue, pai.

Pai
 Afasta de mim a biqueira, pai Afasta de
 mim as biate, pai Afasta de mim a
 coqueine, pai.
 Pois na quebrada escorre sangue.
 (GOMES, 2015)

Após a pesquisa dos alunos e a surpresa em encontrar um compositor da contemporaneidade e popular evocando um clássico de Chico Buarque, percebeu-se a importância do contexto histórico para a compreensão de manifestações artísticas.

Os discentes apresentaram o panorama da ditadura que motivou a canção de Chico Buarque, compreenderam que o objeto cantado é uma figura de linguagem que o transmuta o substantivo “cálice” em verbo de imposição ao silêncio. Na composição de Criolo, os alunos apresentaram o contexto histórico ao qual ele se refere que é o de um ambiente hostil e abandonado à própria sorte, a educação e segurança que não chegam nas regiões periféricas, que corriqueiramente dá acesso às mais diversas formas de regressão social.

Após pesquisa sobre a poesia de Drummond (2003), “Poema de sete faces”, algumas alunas encontraram a de Adélia Prado (2003), “Com licença poética”, que também dialogam entre si, além da letra da música "Até o fim", de Chico Buarque de Holanda (2015).

Foi levantada a importância do perfil feminino dentro da sociedade desde a época da composição da poesia, meados dos anos 70, até os dias atuais.

A apresentação foi feita por meninas e por alguns meninos, que eram educados somente pelas mães.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos, ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu deus, pergunta meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabia que eu não era Deus
se sabias que era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.
(ANDRADE, 2003)

Até o fim

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Inda garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim

Eu bem que tenho ensaiado um progresso

Virei cantor de festim
 Mamãe contou que eu faço um bruto sucesso
 Em Quixeramobim
 Não sei como o maracatu começou
 Mas vou até o fim

Por conta de umas questões paralelas
 Quebraram meu bandolim
 Não querem mais ouvir as minhas mazelas
 E a minha voz chinfrim
 Criei barriga, minha mula empacou
 Mas vou até o fim

Não tem cigarro, acabou minha renda
 Deu praga no meu capim
 Minha mulher fugiu com o dono da venda
 O que será de mim?
 Eu já nem lembro pronde mesmo que vou
 Mas vou até o fim

Como já disse era um anjo safado
 O chato dum querubim
 Que decretou que eu tava predestinado
 A ser todo ruim
 Já de saída a minha estrada entortou
 Mas vou até o fim
 (HOLANDA, 1978)

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
 desses que tocam trombeta, anunciou:
 vai carregar bandeira.
 Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir.
 Não sou tão feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 -- dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida é maldição pra
 homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.
 (PRADO, 2003)

No poema *drummondiano*, percebeu-se um poeta tímido, que segue em desencantamento com o cenário social da época e de si próprio, por uma posição impotência em operar algo que mudaria o quadro geral.

Seu destino está traçado através da anunciação de um anjo, que também é como o sujeito, deslocado, torto, *gauche*, termo que designa uma natureza predestinada ao erro e ao desencantamento.

A letra da música “Até o fim”, de Chico Buarque (1978) foi apontada pelos alunos como um protesto velado e bem-humorado com viés de ironia, afinal o eu-lírico tem seu bandolim quebrado e teve sua voz negada, mas de forma irônica a revelando com certa insignificância quando o autor a denomina "*chinfrin*" (HOLANDA, 1978).

Apesar de o eu-lírico ser predestinado ao erro e à falência, ele não desiste, demonstrando persistência e fortes valores ideológicos. Sobre a poesia de Adélia Prado, a conclusão encontrada pelos alunos veio a partir de uma análise histórica do perfil da mulher na sociedade, houve apontamentos interessantes referentes ao texto na íntegra ou fragmentado.

Quando Adélia (2003) diz que a mulher é uma “espécie envergonhada”, mencionou-se que as mulheres ainda se sentem constrangidas em alcançar dados graus sociais por estarem ainda inseridas numa sociedade patriarcal e machista. Ao mencionar a "bandeira", ficou claro para os alunos que era pesada pois o texto dela dialogava com o de Drummond, que tinha um nome de respeito dentro da literatura, concluiu-se que ela o encarava com seriedade e grande responsabilidade.

Também foi citado o *multifacetamento* da mulher quando ela se diz desdobrável, visto as diversas funções quotidianas da mulher que estuda, trabalha, cuida de si e da família.

Houve apresentação de todas músicas estudadas pelos alunos, que as recitaram e analisaram ponto a ponto, citando a modificação de cenários, mas não de tema. Também foi elaborada uma análise da época das composições e do perfil social.

Segundo Kleiman e Moraes (2007), a noção de intertextualidade é fundamental:

E, como membros de um grupo social, conhecemos essas relações e temos, portanto, conhecimento intertextual. Para todo leitor, um texto funciona como um mosaico de outros textos, alguns mais próximos, alguns mais distantes, alguns mais pertinentes, outros menos, mas todos eles influenciando a leitura. Entendemos os textos porque somos capazes de reconhecer esses traços e vestígios. Quanto mais elementos reconhecemos, mais fácil será a leitura e mais enriquecida será nossa interpretação. Ou seja, a intertextualidade é um fenômeno cumulativo: quanto mais se lê, mais se detectam vestígios de outros textos naquele que se está lendo e mais fácil se torna perceber as suas relações com outros objetos culturais e, portanto, mais fácil sua compreensão. (KLEIMAN e MORAES, 2007, p. 62)

Se os alunos não conseguiam, anteriormente, associar textos, tampouco o faziam com os fatos históricos, sociais e culturais.

Apresentamos, finalizando o projeto, “Quadrilha”, poema de Carlos Drummond de Andrade (2003) e “Flor da idade”, composição de Chico Buarque de Holanda (1973). Mencionaram a configuração das relações amorosas atuais, que vogam pela modernidade e concluíram que a evolução tecnológica não deveria suprimir o bom senso relacional, o que ocorre muito em redes sociais, por exemplo, e em algumas composições musicais, como funk e sertanejo.

Abaixo expomos os textos artísticos trabalhado em sala:

Quadrilha

João amava Teresa que amava
Raimundo

que amava Maria que amava Joaquim que
amava Lili que não amava ninguém.

João foi para o Estados Unidos,
Teresa para o convento,

Raimundo morreu de desastre, Maria
ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili
casou com J. Pinto Fernandes

que não tinha entrado na história.

(ANDRADE, 2003)

Flor da Idade

A gente faz hora, faz fila na vila do meio-dia
 Pra ver Maria
 A gente almoça e só se coça e se roça e só se vicia
 A porta dela não tem tramela
 A janela é sem gelosia
 Nem desconfia
 Ai, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amor

Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família
 A armadilha
 A mesa posta de peixe, deixa um cheirinho da sua filha
 Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha
 Que maravilha
 Ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor

Vê passar ela, como dança, balança, avança e recua
 A gente sua
 A roupa suja da cuja se lava no meio da rua
 Despuorada, dada, à danada agrada andar seminua
 E continua
 Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor

Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que amava Paulo
 Que amava Juca que amava Dora que amava
 Carlos que amava Dora
 Que amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava Dito que amava Rita
 que amava
 Carlos amava Dora que amava Pedro que amava tanto que amava
 a filha que amava Carlos que amava Dora que amava toda a quadrilha

(HOLANDA, 1973)

Neste exemplo parafrásico observou-se que o compositor se inspirou no poema de Carlos Drummond de Andrade. Para Chico Buarque, a letra absorve e transmuta o jogo léxico do poema, que nos remete a uma brincadeira de ciranda ou, até mesmo a dinâmica de um grupo de pessoas que compartilham uma mesma realidade de relacionamentos.

Para ampliar o caráter do uso de uma paráfrase, o compositor explicita sua inspiração no poema ao colocar o nome do poeta em um dos personagens de sua “quadrilha amorosa”: Carlos.

4 RESULTADOS OBTIDOS

Conforme explicitado no capítulo de metodologia, os alunos iniciaram uma apropriação do conteúdo, concretizando apontamentos proeminentes relacionados à imigração populacional e movimentos sociais implantados no período do início do Modernismo. Aferindo e expondo uma leitura interdisciplinar com História e Sociologia.

Os alunos conseguiram perceber o dialogismo entre obras de diferentes gêneros e apresentaram, ao final da experiência, outras composições que dialogam entre si: como a música Cálice, de Chico Buarque de Holanda (1973), e a música, de mesmo nome, do compositor e cantor Criolo (2015).

Houve uma empatia com o compositor Criolo, pois sua obra retrata fatos contemporâneos e conhecidos por boa parte dos alunos residentes em periferia. Realidade esta tratada com crueza e a argúcia das ruas por parte de Criolo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a aplicação destes textos como produtos históricos e sociais, tivemos a certeza que ocorreu uma ampliação de possibilidades interpretativas. Pois, há diversas probabilidades de lecionar Literatura Brasileira, mas um método interessante e de solidez é o que visa contextualizar a teoria da sala de aula, tal aspecto é primordial para que o produto estudado se humanize e penetre na vida do estudante. Esta aproximação possibilitou o surgimento de uma relação de afinidade o gerando reconhecimento e apropriação temática e social.

O estudo trabalhado permitiu uma grande participação do alunado e inserção em uma fatia cultural atemporal, mas desconhecida quase completamente até então.

Durante todo o processo de pesquisa, pretendeu-se aqui, estimular a interpretação no diálogo entre as artes, período histórico e social e isso foi possível. Com isso, conseguimos romper, positivamente, paradigmas referentes a textos anteriores ao contexto atual dos alunos, atuando de modo interdisciplinar, interdiscursivo e humanista, de forma a alcançar o público adolescente e em formação, que necessita de bagagem e criticidade para inserir-se na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlo D. de. **Alguma Poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes. 2011.

GOMES. Kleber C. **Cálice**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=utJENUg2NJ4>>
Acesso em: 10 nov. 2015.

FIORIN, J. L. **Polifonia textual e discursiva**. São Paulo: USP, 2003.

KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. (ORGs). **Leitura e interdisciplinaridade - tecendo redes nos projetos de escola**. Campinas. Mercado de Letras. 2007.

KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, Anna C.; CAVALCANTE, Monica M.; **Intertextualidade - Diálogos possíveis**. São Paulo. Cortez. 2008.

MORIN Edgard. **O Método - A humanidade da humanidade**. Porto Alegre. Sulina. 2002.
5 v. PRADO, Adélia. **Bagagem**, São Paulo. Record. 2003.

HOLANDA, Francisco B. de. **Até o fim**. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=ateofim_78.htm> 1978. Acesso em: 10 nov. 2015. Rio de Janeiro. Marola Edições Musicais. 1978.

_____. **Flor da idade**. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=flordaid_75.htm> Acesso em: 10 nov. 2015. Rio de Janeiro. Marola Edições Musicais. 1973.

HOLANDA, Francisco B. de; MOREIRA, Gilberto P. G. **Cálice**. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=calice_73.htm>. Acesso em: 10 nov. Rio de Janeiro. Marola Edições Musicais. 1973.